

MORTE DE UM DJ

DE JEAN PIERRE SARRAZAC



MORTE DE UM DJ

DE JEAN PIERRE SARRAZAC

1. Esta é uma peça acontecimento, ou melhor, uma peça-acontecimentos. Nela se sobrepõem a queda do muro de Berlim e duas mortes, um suicídio por decisão, outro por exaustão espectacular.

2. Morte de um DJ foi escrita a convite da Radio Cultura/Antena II francesa a propósito do aniversário da queda do muro. Peça para a rádio. O nosso ponto de partida foi a conversão de uma peça sonora numa peça cénica.

3. DJ são as iniciais de Dom Juan assim como Carlota, uma personagem da peça e Lepo, a outra, são do mesmo Molière. Lepo, Leporello, pescado na versão que Lorenzo Da Ponte fez para Mozart como libreto, é o Esganarelo do *Dom Juan* de Molière. Portanto estamos a cavalo entre dois tempos: o da peça e o da queda do Muro. E não se trata de os dizer o mesmo tempo, mas sim de encontrar correspondências legíveis nas relações interpessoais que mais que históricas sejam transhistóricas, humanas, no sentido já da modernidade do ego de cada um, da ascensão do sujeito livre - da força do desejo - por oposição ao poder patriarcal.

4. A peça original e os seus excertos citados são formas de estranhamento que retiram a actualidade coetânea do seu império assertivo inquestionável: o que acontece é, na citação, visto à luz de um tempo anterior quando as relações eram investidas de sentimentos reais, sonhados em presença. Também o corpo se transformou com a pornografia industrial a expulsar o erotismo para a margem, gerando-se todo um *marketing* do sexo em torno de estímulos artificiais, sempre prometendo uma escala de prazer verdadeiramente olímpico ao alcance de um tempo curiosamente rápido — será de imaginar um orgasmo a escala orgasmo de Zeus, comprar-se-á, será redprodutível?

5. Caminhamos para um quadro de relacionamentos que, além do que as fracturas sociais determinam, é marcado pela virtualização do que tecem obcecadamente em narrativas recorrentes e pobres de espírito. Como se as classes sociais e as diferenças abissais se volatilizassem na constante espectacularizada da sua evidência. Nós próprios vivemos dentro do espectáculo e entre ídolos, mitos e fãs, militantes e seguidores, políticos a refazer perfis e biografias ao instante. Se a virtualização do real o mascara não menos nele gera consequências - induz comportamentos, dá forma a essa teoria de cada um como a sua imagem de marca, a sua roupa e o seu cabelo. A criatura empresa, ou a criatura montra e as suas mais valias simbólicas a caminho de serem como se diz “exponenciadas” pela única nobreza real reconhecidamente actual: a celebridade, uma forma de renda como era renda antes investir no imobiliário. A “intimidade” é hoje o próprio núcleo duro da renda: vejam-se os exércitos de *paparazzis* e as disponibilidades espectaculares das celebridades intimíssimas em exposição permanente.

6. Do outro lado estão os que não lá chegam, nem a seguidores, nem a fãs, nem a militantes sistémicos, celebrantes do culto dos celebrizados ou dos mitos da democracia activados contra si mesma. O sistema vive da mentira sistémica na relação entre uns e outros. A realidade e os meios da sua transformação são outra coisa. Principalmente quando se percebe que realidade e sistema são a mesma coisa, como o são a estrutura óssea e a aparência física - o esqueleto desaparece

sob a aparência mas sem ele não há ser social. Claro que a estrutura não se desvela pela exposição cuidada da aparência. Só com os instrumentos da arqueologia e da radiografia, a um tempo sobre a história e a actualidade, partes de que se faz qualquer presente, a entenderemos. É esse também o papel do teatro, essa possibilidade de uma experiência única de liberdade não condicionada - em laboratorial assembleia - e por isso crítica.

7. Na peça Carlota dormiu com DJ mas DJ não se lembra - nem se lembra que na cama estava também Mat. Ela quer a confirmação disso mesmo como sinal da sua própria existência. Aconteceu-lhe amar outro corpo. O que lhe acontece pertence-lhe, no sentido de que aquilo que fazemos somos nós mesmos e que somos responsáveis pelo que nos acontece — a alienação é o contrário, fazermos algo de que não somos donos, algo em que somos instrumento. Ele, DJ, nega-lho, isto é, está tão envolvido na sua nova máscara que o David de que ela fala desapareceu com o dealbar da manhã. Ele é agora DJ e a sua nova música pretende fazer desabar o Muro de Berlim. É um redentor, quer unificar um mundo dividido em dois, leste e oeste na mesma casa. Ele é o mito que dará corpo enérgico, difundindo-se na multidão como música que dança, ao gesto do derrube. Abraçado à estátua de Lenine arranca-la-á do seu pedestal lançando-se no poço sem fundo de um infinito que se dirige ao céu. Em tudo isto há uma dimensão mitómana. Para Carlota resta-lhe a coerência do fim que anuncia no confronto com a amnésia de DJ. Ao vazio que sente e ao corte com o passado familiar, não suporta somar o desaire de um desencontro: a expectativa de um encontro, da força real de um encontro passional, é para Carlota o mesmo que é a paixão de Dona Elvira por Don Juan. Só que Carlota não expiará a sua falha no convento, antes voará de um quadragésimo andar. No meio disto Lepo, umdiplomata, um intermediário, é ele próprio o sentido do real, a presença de uma visão não virtualizada: em qualquer dos casos é necessário fazer andar as coisas para outra possibilidade acontecimental e o negócio continua, *the show must go on*. Mas Lepo é um homem afectivo, à antiga. O seu sentido do real é também nele a presença de afectos que não encontram, por assim dizer, uma satisfação plena na sua virtualização, ao contrário das outras duas criaturas. Lepo revela-nos, a nós espectadores, o lado de cá, onde as consequências do espectáculo se verificam: ele é o fã por obrigação, o operacional. Para que as coisas se movam alguém tem de as fazer mover. Para Lepo, pela função que tem de produtor e guarda-costas, o real é uma outra coisa: o seu agir é pragmático, como se para ele estivessem de algum modo vedadas as portas da fantasia mitificada que conduz DJ à morte mítica. Ele tem de as abrir, principalmente as fechadas.

E se a queda do Muro foi o fim de um mundo, *Morte de um DJ* é já uma espécie de prefiguração da vitória avassaladora do capitalismo selvagem sob forma sonora, espectacular, festivaleira, *loveparade* massiva - música permanente a ocupar-nos, a perseguir-nos. Lenine é definitivamente engolido pela *techno*, o socialismo real esvai-se no tempo de um mega-concerto. Na sociedade o espectáculo penetra todos os nichos, os poros da pele, induz os movimentos do corpo como uma espécie de voz única que os manobra. É desse imperialismo que estamos a falar, o que preenche as próprias possibilidades do exercício de subjectivação de cada um. DJ é um instrumento do sistema, assassino e vítima. Resta a Lepo levá-lo moribundo ao colo.

Pobre Carlota: ninguém deu por ela. E são tantas e tantos.

fernando mora ramos

Ficha Artística

Tradução e Encenação **Fernando Mora Ramos**
Cenografia e Figurinos **José Carlos Faria**
Design sonoro **Carlos Alberto Augusto**
Iluminação **António Plácido** assistido por **Carina Galante e Filipe Lopes**
Máscara e Caracterização de **Luís de Matos**
Interpretação **Maria Quintelas, Alexandre Calçada e Fábio Costa**

Ficha Técnica

Direcção de produção **Ana Pereira**
Vídeo **Carina Galante**
Construção **Filipe Lopes e TrazArte**
Costureira **Emília Silva**
Montagem **Carina Galante e Filipe Lopes**
Assistente de cena **Joana Lamarque** (estagiária do curso de Teatro da ESAD-CR)
Comunicação **Vera Marques**
Fotografia e design gráfico **Margarida Araújo**

Agradecimentos

Escola de Hotelaria e Turismo do Oeste

Fotografia da capa: parte da pintura «Dancing to Freedom» de Jolly Kunjappu, East Side Gallery, Muro de Berlim

ESTREIA JULHO 2015
Sala Estúdio do Teatro da Rainha

Contactos

262 823 302 | 966 186 871
geral@teatro-da-rainha.com
www.teatro-da-rainha.com

Estrutura financiada por

